



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

HERMANN LOTZE E FRANZ BRENTANO¹

NIKOLAY MILKOV²

Resumo: Franz Brentano não foi uma figura solitária que propôs sua filosofia isolada de outros filósofos contemporâneos na Alemanha, tal como alguns neo-brentanianos reivindicaram nos últimos anos. O objetivo deste artigo é corrigir tais concepções equivocadas estabelecendo que Brentano desenvolveu sua psicologia filosófica engajado ativamente no rico contexto histórico-intelectual e acadêmico de seu tempo - em particular, sob a influência de Hermann Lotze. Especificamente, Brentano: (i) adota de Lotze a ideia de que juízo não é apenas uma associação de ideias, mas uma asserção do conteúdo; (ii) também adota a ideia de Lotze de que o conteúdo da percepção é algo dado; (iii) a noção brentaniana de intencionalidade também foi herdada de Lotze, (iv) bem como o método da psicologia descritiva; (v) finalmente, Lotze e Brentano concordaram ao admitir que percepção e conhecimento estão intrinsecamente conectados às emoções. Ao mesmo tempo, há ao menos dois pontos nos quais Brentano discorda de Lotze: (i) ele critica a teoria da percepção do signo local, bem como o atomismo de Lotze. Estas eram claramente teorias

1. Este trabalho está sendo publicado concomitantemente como "Hermann Lotze and Franz Brentano" em *Philosophical Readings X.2* (2018), pp.115-122 (DOI: 10.5281/zenodo.1209453). Esta tradução para a língua portuguesa foi realizada por membros do Grupo de Pesquisa "Ética, Política e Cidadania - CNPq/UNICNETRO", Prof. Dr. Evandro O. Brito, Prof. Msc. Ernesto M. Giusti, Prof. Dr. Bruno Aislã dos Santos e Prof. Msc. Camila Bozzo.

2. Universität Paderborn, Institut für Humanwissenschaften, Deutschland. email: nikolay.milkov@upb.de

construtivistas inspiradas por Kant. (ii) Brentano também critica o princípio do teleomecanismo de Lotze, influenciado pelos idealistas alemães.

Palavras-chave: Brentano, Psicologia descritiva, Intencionalidade, Juízo, Lotze.

HERMANN LOTZE AND FRANZ BRENTANO

Abstract: Franz Brentano was not a solitary figure who propounded his philosophy in lonely isolation from other contemporary philosophers in Germany, as some neo-Brentanists have claimed over the last years. The aim of this paper is to correct such misconceptions by establishing that Brentano developed his philosophical psychology while actively engaged in the rich intellectual-historical and academic context of his time – in particular, under the influence of Hermann Lotze. Specifically, Brentano: (i) adopted from Lotze the idea that judgment is not just an association of ideas but an assertion of content; (ii) he also embraced Lotze’s idea that the content of perception is something given; (iii) Brentano notion of intentionality, too, was inherited from Lotze; (iv) as well as the method of descriptive psychology; (v) finally, Lotze and Brentano shook hands admitting that perception and knowledge are intrinsically connected with emotions. At the same time, there were at least two points at which Brentano disagreed with Lotze: (i) he criticised Lotze’s local sign theory of perception as well as Lotze’s atomism. These were clearly constructivist theories inspired by Kant. (ii) Brentano also criticized Lotze’s principle of teleomechanism. It was influenced by the German Idealists.

Keywords: Brentano, Descriptive Psychology, Intentionality, Judgment, Lotze.

1. OS NEO-BRENTANIANOS

Franz Brentano não foi uma figura solitária que propôs sua filosofia isolada de outros filósofos contemporâneos na Alemanha, tal como alguns neo-brentanianos reivindicaram nos últimos trinta a quarenta anos. O objetivo é corrigir, nas linhas a seguir, tais concepções equivocadas ao se estabelecer que Brentano desenvolveu sua psicologia filosófica enquanto se engajava ativamente no rico contexto histórico-intelectual e acadêmico de seu tempo - em particular, sob a influência de Hermann Lotze.

A imagem equivocada de Brentano como um gênio solitário, propagada por neo-brentanianos como Barry Smith, é análoga à imagem de Gottlob Frege, passada como verdade histórica pelos neo-fregeanos influentes - Michael Dummett,

por exemplo. Em ambos os casos, encontramos um pensador ilustre retratado como homem genial, solitário e recluso. No entanto, graças às pesquisas de Hans Sluga, Gottfried Gabriel e outros, sabemos agora que, no caso de Frege, as inovações na lógica simbólica propostas por ele desempenharam um papel ativo na cultura filosófica alemã do século XIX, tornando-o famoso. O mesmo vale para Franz Brentano e para a introdução de sua psicologia filosófica, como veremos a seguir examinando e avaliando a evidência histórica, epistolar e textual.

Ao contrário da imagem dos neo-brentanianos, Brentano, de modo algum, via a si, intelectual e institucionalmente, como pensador isolado, e ele certamente nunca se representou como tal. Em seu trabalho mais importante, *Psicologia de um ponto de vista empírico*, admitiu que “sua perspectiva, pelo menos de um lado ou de outro, já havia começado” a ser desenvolvida por outros autores antes dele (1874, p.4). Além disso, Brentano refere-se explicitamente a John Stuart Mill, Alexander Bain, Gustav Theodor Fechner, Hermann von Helmholtz e, acima de tudo, a Hermann Lotze - todos contemporâneos próximos de Brentano - como pensadores para com quem ele possuía suas maiores dívidas intelectuais (1874, p. 3).

De fato, Brentano regularmente retomava e criticava as doutrinas desenvolvidas pelos filósofos de seu tempo, tanto alemães quanto europeus mais distantes. Não é o caso, entretanto, tal como é afirmado frequentemente, que ele tenha se limitado ao contato com empiristas e positivistas (tal como Augusto Comte). Isso está claro, por exemplo, pelo fato de que, quando viajou para a Grã-Bretanha na primavera de 1872, Brentano planejava visitar não apenas J. S. Mill (a visita não aconteceu por causa da morte inesperada de Mill), mas também o principal teórico evolucionista e político liberal do período, Herbert Spencer. Ademais, além de se engajar ativamente no amplo espectro do pensamento filosófico mais recente, Brentano também foi um sério estudioso da filosofia clássica e escolástica ao longo de sua vida.

O fato de as raízes da “revolução brentaniana na filosofia” terem impactado de modo mais profundo do que comumente reconhecido pelas correntes filosóficas de seu tempo se torna mais evidente naquilo que ele pressupunha em seus escritos. Isso é mais explícito quando se discorre sobre como suas posições acerca de vários tópicos se relacionam com as opiniões dos principais filósofos alemães do século XIX, cujas doutrinas eram tão amplamente conhecidas na literatura da época que ele achava desnecessário identificá-los pelo nome. Um exemplo notável é Jakob Friedrich Fries, que antecipou a rejeição de Brentano da noção amplamente defendida de que a percepção consiste em uma combinação de ideias. Fries também se antecipou a Brentano ao identificar “asserções” por percepção, um movimento epistemológico consequente que Alfred Kastil (1912, p. 52 e seg.) apontou pela primeira vez há um século, e que trataremos no devido momento (no § 3.1). Fica evidente que Lotze

foi quem intermediou a influência de Fries sobre Brentano nessa questão. Tais perspectivas teóricas e determinações intelectuais compartilhadas atestam quão inter-relacionadas foram as várias correntes da filosofia alemã do século XIX e as múltiplas linhas de influência que permitiram a Kastil, editor de três volumes dos escritos de Brentano (1921, 1925, 1933), traçar uma série de semelhanças entre Fries e Brentano, resultados que ele apresentou nas páginas do periódico neo-friesiano *Abhandlungen der Fries'schen Schule, New Series*.

2. UMA VISÃO GERAL DA RELAÇÃO ENTRE LOTZE E BRENTANO

Quando se volta diretamente para a relação entre Lotze e Brentano, lê-se em uma avaliação recente que entre os dois filósofos “havia, com certeza, um grande respeito mútuo... tal como o fato de Brentano ter enviado dois de seus alunos, Anton Marty e Carl Stumpf, para estudar com Lotze aponta, e também pelo fato de que Lotze desempenhou um papel importante na nomeação de Brentano para a Universidade de Viena em 1874”³. No entanto, dificilmente encontra-se algo parecido com uma simetria na relação entre Lotze e Brentano, apesar da impressão que esses detalhes possam transmitir. Embora Lotze certamente admirasse o jovem Brentano, ele o considerava apenas um na coorte inteira de figuras em ascensão na filosofia alemã, cujo avanço profissional ele, Lotze, considerava merecido defender. É verdade que Lotze endossou formalmente o esforço de Brentano para garantir uma nomeação como professor de Filosofia na Universidade de Viena. No entanto, não se deve atribuir demasiada importância a esse sinal de apoio de Lotze. Brentano apenas atendia aos critérios intelectuais que levavam Lotze a apoiar o avanço profissional de jovens filósofos com os quais ele estava pessoalmente familiarizado. Julius Baumann, colega mais jovem de Lotze em Göttingen, enumerou os critérios deste: “Será que tal pessoa possui o conhecimento que deve ser pressuposto hoje na filosofia, será que ela possui também um domínio dos métodos científicos e é mortalmente séria em seus interesses filosóficos? Com base nesses critérios, ele recomendou, por exemplo, Brentano para Viena” (BAUMANN, 1909, p. 179).

A estima de Lotze por Brentano foi confirmada pessoalmente quando, em junho de 1872, Brentano e Carl Stumpf foram convidados por Lotze à sua casa nas proximidades de Göttingen. A eminente residência do professor era apelidada de “The Coffee Grinder” pelos estudantes e colegas profissionais que se reuniam lá

3.ROLLINGER, 2001, p. 112. Brentano enviou também outro aluno seu, Johannes Wolff, para estudar com Lotze (cf. STUMPF, 1919, p. 103). Wolff se tornaria mais tarde um professor de filosofia em Trier e Freiburg.

regularmente. “Lotze era amigável”, recordou Stumpf décadas mais tarde, “mas silencioso, como de costume” (1901, p. 125).

Em suma, é claro que, embora Brentano tenha muito se beneficiado intelectual e profissionalmente de sua interação com Lotze, bem como de seu conhecimento, a custo poderia ser dito o mesmo para a figura até então consagrada e de renome internacional no panteão filosófico alemão daquela época. De fato, vinte e um anos mais velho que Brentano, Lotze era reconhecido pela publicação do terceiro e último volume de seu monumental e amplamente aclamado *Mikrokosmos*, em 1864, dois anos antes de Brentano ter assegurado sua *venia legendi* (a habilitação).

A influência de Lotze sobre Brentano foi comentada anteriormente na literatura, ainda que de modo breve. Três décadas atrás, Ernst Wolfgang Orth identificou Trendelenburg e Lotze como “professores” de Brentano. Como disse Orth, “a importância filosófica de Brentano consiste no fato de ele ter deixado paradigmaticamente clara a força dessa influência em todo o espectro de suas opiniões” (ORTH, 1997, p. 18). Não surpreende que Brentano tenha aprendido muito com Trendelenburg, já que estudou com ele em Berlim. Entre outras evidências da influência de Trendelenburg está o profundo e permanente interesse de Brentano em Aristóteles, que se refletiu na tese de doutorado sobre Aristóteles (1862). Esta foi a primeira publicação de Brentano, a qual ele dedicou a Trendelenburg.

Mas também não há mistério acerca de como Lotze, em Göttingen, poderia influenciar o Brentano durante seu último período de formação. O jovem Brentano leu ampla e profundamente, tanto os pensadores alemães de sua época, como os autores europeus ocidentais antigos, medievais e modernos. Disso, logo no início de sua carreira filosófica, Brentano descobriu que, apesar de “alguns equívocos” (acusações de Brentano que consideraremos a seguir), Lotze era inquestionavelmente, em sua opinião, o filósofo alemão contemporâneo mais brilhante. “Lotze sempre se mostrará o importantíssimo pensador que ele indiscutivelmente é”, escreveria Brentano ao seu ex-aluno e amigo íntimo Carl Stumpf em 6 de junho de 1868 (KAISER-EL-SAFI. 2014, p. 16). De fato, Brentano veio a considerar Lotze mais do que seu mentor de Berlim, Trendelenburg.

Foi Stumpf quem cultivou o contato entre seus dois mestres filósofos, Lotze e Brentano. Stumpf obteve seu doutorado sob a supervisão de Lotze, em Göttingen, em 1868, e recebeu sua *venia legendi*, em 1870. Entre 1870 e 1873, Stumpf foi professor (*Privatdozent*) na Universidade de Göttingen, período durante o qual Lotze se tornou para ele um “fiel conselheiro paterno” (1917, p. 5). Não é de se surpreender, portanto, que tenha sido para Lotze que Stumpf dedicou seu primeiro livro, *Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung* (1873), obra que receberia grandes elogios de nomes como William James e Bertrand Russell. De fato, Lotze e seu aluno, e futuro colega, estavam tão íntimos que, durante as férias de verão de

1869, Lotze pensou em viajar para passar um tempo com Stumpf (e Brentano) em Würzburg ou em Aschaffenburg (LOTZE, 2003, p. 541).

Já ressaltamos que, como Stumpf, Brentano era um grande admirador de Lotze, mas seu respeito foi além da adulação e da promoção do pensamento deste. No inverno de 1870-1871, Brentano iniciou uma campanha para recrutar Lotze para um cargo de professor de filosofia em Würzburg (KAISER-EL-SAFTI, 2014, p. 28, 29 de outubro de 1870), oferta recusada por Lotze. De importância genuína para a história da filosofia, no entanto, é que durante esse período o próprio Brentano mergulhou nos escritos de Lotze, enquanto trabalhava na sua *magnum opus*, *Psicologia de um ponto de vista empírico*. Encontramos claras evidências disso numa carta a Carl Stumpf datada de 8 de junho de 1871:

Tenho lido muito Lotze esses dias e algumas passagens não sem alegria e admiração. O *Mikrokosmos*, primeiro volume, segundo livro [*Die Seele*], contém excelentes pensamentos; especialmente seu argumento contra os Herbartianos é magistral.⁴ De fato, não me arrependo do elogio dado a ele ao final de minhas primeiras palestras [em Würzburg].⁵ (IBID. p. 48)

Que a precoce *magnum opus* de Lotze foi um componente estimulador do pensar brentariano, quando *Psicologia de um ponto de vista empírico* tomou forma, está manifesto nas passagens do *Mikrokosmos* que Brentano cita em vários pontos-chave e em maior extensão do que o trabalho de qualquer outro autor.⁶

3. AFINIDADE

Como Stumpf acabaria por colocar, “os pontos de vista de Lotze [concordavam] com os de Brentano apenas parcialmente” (1919, p. 102). Isso é corroborado por uma carta que Stumpf recebeu de Brentano meio século antes. O propósito da nota, datada de 11 de novembro de 1867, era explicar por que Brentano o havia enviado para estudar com Lotze: porque, disse Brentano, “[eu] não poderia nomear nenhum outro professor de filosofia [além de Lotze] cujos ensinamentos eu não considere errôneos, e porque Lotze é excelente em muitos aspectos, apesar de todas as suas falhas” (KAISER-EL-SAFTI, 2014, p. 2).

A despeito do elenco altamente qualificado acima, suas colocações são consistentes com um grau de importância demonstrável, se limitada à coincidência nas posições de Lotze e Brentano. Fica claro, agora, esse grau de importância, ao

4. Cf. Brentano (1874, p. 113).

5. Naquela época, Brentano tinha encorajado Carl Stumpf, que participou dessas primeiras palestras, a estudar com Lotze; cf., a carta abaixo, de 11 de março de 1867.

6. A citação de Brentano, no vol. 1, pp. 209 - 211, provém de Lotze (1856, pp.272 - 273); a citação estendida no vol. 2, pp. 16-18, provém de Lotze (1856, pp. 200 - 201).

traçarmos os seguintes pontos cardeais de convergência: o conteúdo do juízo (§3.1), o conteúdo da percepção (§3.2), o conceito de intencionalidade (§3.3), a prática da psicologia descritiva (§3.4) e a afirmação de que a percepção é acompanhada de juízo (conhecimento) e emoção (§3.5). Ao tocar nesses pontos de vista compartilhados, é essencial deixar tudo em pratos limpos, pois um número de comentaristas influentes, injustificadamente, deu a entender que foi Brentano quem primeiro introduziu (ou reintroduziu), na filosofia alemã do século XIX, várias das noções às quais, como seus escritos atestam, tanto ele como Lotze subscreveram. Embora seja verdade que Lotze as discutiu de forma um tanto diferente, o crédito indiscutivelmente pertence a ele por ter contribuído para a literatura filosófica alemã, penetrando e tratando sistematicamente deles décadas antes de Brentano.

Além dos pontos seminais de convergência que acabamos de enumerar, Lotze e Brentano avançaram programas filosóficos similares em pelo menos mais duas frentes, uma delas vista em seu esforço de reformular e estabelecer a filosofia como uma ciência estrita; e a outra, em seu movimento de introduzir uma abordagem passo a passo ou “fragmentada” para o processo da filosofia sistemática. Em ambos os pontos metodológicos, assim como nos outros cinco momentos de convergência circunscritos, Brentano seguiu a liderança de Lotze.

3.1. JUÍZO E SEU CONTEÚDO

Os conceitos de *juízo* e seu *conteúdo* desempenham um papel formativo na lógica de Lotze e o fazem também em Brentano. O primeiro a chamar a atenção para esse elemento compartilhado em Lotze e Brentano foi Georg Misch, aluno de Wilhelm Dilthey (e genro). Misch descobriu que Brentano “concorda com a doutrina tardia de Lotze sobre o ponto principal de que juízo - e o juízo de valor, tratados [por ele] em paralelo - estão relacionados à realidade por meio da Objetividade [*Sachlichkeit*]” (MISCH, 1912, xvii n.).

Lotze sustentou que o juízo não é o resultado de qualquer “associação de ideias”, discordando aqui não apenas dos empiristas britânicos Hume e Mill, mas também de Johann Friedrich Herbart.⁷ Ao rejeitar a psicologia filosófica desses pensadores, Lotze argumentou que juízo não é uma relação recíproca de ideias, mas sim a *afirmação* de uma relação recíproca de *conteúdo objetivo*, ou de coisas. Em outras palavras, um juízo *assere um estado de coisas*.⁸ O conteúdo de um juízo manifesta, na visão de Lotze, a estrutura mínima da inter-relação ontológica obtida entre os

7. De acordo com Oskar Kraus, Brentano seguiu de perto a crítica de Lotze à psicologia de Herbart da associação de ideias (1974, p. xiii). Sobre a crítica de Lotze a Herbart nessa questão particular, conferir Brentano (1874, p. 113).

8. Conferir Milkov (2002) para uma discussão do sentido, o qual nós atribuímos a Lotze o conceito de estado de coisas.

objetos (coisas).⁹ Lotze entendeu que esse é o momento definidor de um juízo, o que faz do juízo um juízo. O elemento de afirmação é o que diferencia juízos, meras séries (complexas) de conceitos e perguntas.¹⁰

Brentano adotou a concepção de Lotze acerca da prioridade do juízo. Ele reflete esse ponto de vista quando declara que “uma segunda relação fundamentalmente diferente de consciência para com o objeto vem à tona ao julgar uma ideia simples”¹¹, ou seja, que a ideia é verdadeira.¹² Em outras palavras, nós afirmamos ou asserimos a ideia.

Brentano, no entanto, não defendeu o conceito de Lotze de “estado de coisas” como o conteúdo dos juízos¹³ (embora Carl Stumpf que, como observamos, estudou primeiro com Brentano e posteriormente com Lotze, eventualmente o tenha feito). Dito isto, Brentano rejeitou expressamente o preceito da velha lógica aristotélica de que os juízos colocam um sujeito e um predicado juntos como um conceito. Aqui Brentano concordou com Lotze; mais precisamente, ele apoiou a insistência bastante consequente de Lotze de que conceitos são *funções*, não complexos de sujeito e predicado.

3.2. O CONTEÚDO DA PERCEPÇÃO

Embora Lotze tenha criticado a lógica de Herbart, ele adotou sua doutrina epistemológica de que o conteúdo da percepção é o *dado*. Lotze caracterizou o dado como um recebimento vivenciado [*erleben*] do “conteúdo da percepção”. E distinguiu categoricamente o conteúdo da percepção do conteúdo do *juízo*. O dado, para Lotze, opõe-se, assim, por um lado, a eventos e fatos (isto é, ao que *acontece*) e, por outro, aos juízos, a saber, àquele cujo caráter determinado é uma função de *validade*. Ao diferenciar de modo inequívoco, por um lado, os eventos e fatos e, por outro, os juízos, Lotze deriva da diferença ontológica, que coloca os acontecimentos à parte das validações, uma distinção metafísica fundamental entre *gênese* e *ser*, entre “acontece” e “é”.

A fim de apreciar a natureza inovadora e altamente influente da epistemologia não-representacional de Lotze aqui, pode-se voltar, por exemplo, à Oskar Kraus, que chamou a atenção para as similaridades manifestas nas

9. A “afirmação” em Lotze, ou asserção, é o que sob a influência de Frege veio a ser definido hoje como caráter “assertórico” do juízo.

10. Como destacado acima (cf., § 1), Lotze herdou essa ideia de Jacob Friedrich Fries.

11. Conferir Brentano (1924b, p. 39).

12. O papel recém-concebido que o “juízo” desempenha na lógica de Lotze caminhou em paralelo com uma variação do princípio de contexto: “Não faz sentido asserir um único termo; somente uma afirmação que relacione o conteúdo de um termo a outro pode ser asserida” (LOTZE 1864, p. 469).

13. Para ser mais exato, Brentano declarou, como Frege o fez posteriormente, que o conteúdo de um juízo é um objeto. Conferir, acerca disso, Chrudzinski (2004).

epistemologias de Brentano, Johannes Rehmke e Hans Driesch - os três evitam a teoria representacional (*Abbild*) da percepção. Além disso, como Lotze, cada um deles subscreveu à visão de que temos acesso direto ao mundo exterior. Fica claro, porém, o fato de os três pensadores demonstrarem, a custo, estarem em completo acordo, no que diz respeito, por exemplo, à noção lotzeana de “o conteúdo” da percepção. Brentano herdou de Lotze essa maneira de conceber atos de percepção como tendo “conteúdo”, enquanto que Rehmke e Driesch, os quais demonstraram pouco interesse pelos escritos de Lotze, não o fizeram.

Entre outras coisas, a posição de Lotze de que o conteúdo da percepção é “o dado” não é nada menos do que a origem, ainda pouco reconhecida, do conceito filosófico moderno clássico de “dados sensoriais”, que historicamente tem sido considerado uma inovação dos filósofos anglófonos. No entanto, foram as palestras de Lotze sobre metafísica que inspiraram Josiah Royce a formular a noção.¹⁴ Pouco tempo depois, “dados sensoriais” adquiriram valor no pensamento e nos escritos de William James, que, como seu amigo e colega de Harvard, Royce, nutria o maior respeito por Lotze. Em última análise, no entanto, “dados sensoriais” como uma noção epistemológica fundacional recebeu seu maior impulso no trabalho inicial e amplamente influente de G. E. Moore e Bertrand Russell, os fundadores da filosofia analítica (cf. MILKOV, 2001). Essa linhagem de um conceito epistemológico historicamente formativo do século XX é apenas um dos numerosos exemplos de como o pensamento de Lotze, um elemento catalítico no desenvolvimento e nas contribuições filosóficas independentes de Brentano, provou ser seminal nas correntes do pensamento filosófico que de outra forma têm pouco em comum com Brentano.

Brentano introduziu uma fenomenologia que se baseia na visão de Lotze de que os atos de percepção têm conteúdo específico. O que distingue a posição de Brentano daquela de Lotze a esse respeito é a distinção que Brentano faz entre experiência interna e externa. Os fenômenos de Brentano têm sua existência apenas em nossa experiência interna, a qual ele considerou ontologicamente distinta da experiência externa. Fenômenos existem, em outras palavras, somente em nossa mente e não no mundo externo, nosso contato com o último ocorre por meio da experiência externa.

Esse retrato de Brentano revela apenas um parentesco distante da epistemologia de Lotze. Seguindo Kant, Lotze defendia a visão de que só podemos adquirir conhecimento empírico por meio das idealidades que pertencem ao mentalmente dado, não à realidade material. Mas, em última instância, as idealidades exigem matéria para aparecer. É por isso que elas são inerentes apenas à nossa vida

14. Na primavera e no verão de 1876, Royce assistiu a dois cursos de Lotze, um sobre metafísica e outro sobre filosofia prática, a quem ele estimou como “o primeiro entre os filósofos construtivistas atualmente vivo na Alemanha”. Citado por Woodward (2015, pp. 427).

sensível, como, por exemplo, em sentimentos empiricamente marcados de prazer e desprazer.¹⁵ Isso explica por que não temos uma ideia *a priori* do *azul*, por exemplo, ou do *doce*.¹⁶ Conhecemos qualia exclusivamente em experiência empírica.

3.3. INTENCIONALIDADE

Um fato muito significativo, mas historicamente ignorado ou negligenciado, é que foi Hermann Lotze quem lançou as bases para a contribuição do nome de Brentano à filosofia: a reintrodução da noção de intencionalidade. Recentemente, Frederick Beiser observou brevemente que, junto com sua famosa distinção entre validade e realidade, Lotze também havia distinguido intencionalidade de existência.¹⁷ Cerca de duas décadas antes de Beiser, Ernst Wolfgang Orth publicou uma análise mais detalhada do pensamento de Lotze acerca desse assunto. Orth salientou que, juntamente com Adolf Trendelenburg, Lotze preparou o terreno para a (re)introdução brentaniana da noção de intencionalidade quando articulou a ideia de adaptar a consciência à filosofia. Além disso, Orth corretamente reconheceu como “decisiva” a “tese” de que Trendelenburg e Lotze defendiam “a absoluta incomparabilidade dos fenômenos mentais com os físicos¹⁸ e da primazia dos fenômenos mentais sobre os físicos” (ORTH, 1997, p. 24).

A visão de Lotze de que os atos mentais têm um conteúdo provou ser um poderoso impulso para o movimento de Brentano de reintroduzir o problema da intencionalidade no currículo filosófico moderno. A influência Lotzeana aparece no modo como Brentano inicialmente apresentou esse conceito, ainda não empregando o termo “intencionalidade” como tal, mas falando, em vez disso, da “referência a um conteúdo” (cf. POLI, 1998, p. 4):

Todo fenômeno mental é caracterizado... pelo que chamaremos... a relação para com um conteúdo, a direção a um objeto, ... ou a objetividade imanente [*Gegenständlichkeit*]. (1874, p. 124 - 125)

A fim de concluir esta fase da discussão, podemos aduzir à observação de Paul Linke, de bem mais de meio século, que Gottlob Frege descobriu “sozinho”

15. Cf. § 3. 5.

16. Lotze (1864, p. 241).

17. Conferir Beiser (2016, p. 87). Lamentavelmente, Beiser faz pouco mais do que chamar a atenção para esse movimento chave de Lotze.

18. Significativamente, a distinção categórica entre fenômenos mentais e físicos é uma tese central das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein (1953). Wittgenstein argumentou que não devemos confundir a maneira como falamos e pensamos sobre os assuntos mentais com a maneira como falamos e pensamos sobre os assuntos físicos. Visto de uma perspectiva filosófica histórica, o axioma de Wittgenstein é claramente um derivado do tipo de psicologia filosófica que se originou com Brentano e subsequentemente cooptado e desenvolvido ao longo de duas linhas divergentes pela filosofia analítica primitiva, por um lado, e, por outro, pela fenomenologia husserliana.

(ou seja, independentemente de Brentano) a relação intencional da consciência – isso do ponto de vista da “experiência vivenciada [*Erlebnis*] do pensar lógico” (1961, p. 55), um tema que pouco interessava a Brentano. Frege argumentou que o sentido das proposições é algo que compreendemos com vivacidade. Ao contrário da opinião de Linke, porém, Frege, como Brentano antes dele, derivou a noção de intencionalidade de Hermann Lotze. Em suma, Brentano e Frege, ambos ex-alunos de Lotze, e cada um à sua maneira, optaram pela linha de pensamento originária de Lotze sobre o conteúdo da percepção e do juízo e desenvolveram-na ainda mais.¹⁹

3.4. PSICOLOGIA DESCRITIVA

Durante décadas, Lotze abordou vários problemas da psicologia descritiva, os quais Brentano e seus seguidores transformaram em campo de pesquisa. Distinguir o caráter da psicologia descritiva nesse contexto é revelar continuidades cruciais, ainda que raramente discutidas, no pensamento dos dois filósofos.

Brentano insistia em que precisamos primeiro *descrever* os fenômenos antes de estarmos em condições de *explicá-los* ou de buscar a psicologia genética em geral. É nesse sentido que a análise de Lotze do conteúdo da mente constitui uma forma de psicologia *descritiva*.²⁰ Um fato histórico-filosófico que deve ser percebido em relação à contribuição mais influente de Brentano ao pensamento especulativo moderno é que foi Lotze quem introduziu a própria distinção entre psicologia genética e descritiva. Como observado anteriormente (em § 3.2), Lotze traçou uma distinção categórica entre *o dado*, ou o que *é*, e o que *acontece*, ou seja, o que muda. Correlativo a essa distinção ontologicamente em gestação, Lotze introduziu e discutiu longamente a distinção entre o caráter daquilo que é *genético* e a natureza das *validações*. O que a psicologia descritiva produz são simplesmente *validações* e não explicações, descrições *genéticas* de fenômenos psíquicos.

Além disso, e mais pertinente à psicologia moderna, Lotze emprega o sintagma “a alma” ao longo de seus escritos como uma expressão fixa: “uma expressão fenomenológica que resume uma série de fenômenos”²¹. Ele repudiava visões da psique que a definem como um indivíduo ou como substância. Para destacar um tropo derivado de Lotze, que ficou famoso por seu acólito William James, “a alma” é, para o modo de pensar de Lotze, um “fluxo de consciência”

19. Brentano discerne em Lotze sete tipos deferentes de referências mentais ao conteúdo: (i) sensação, (ii) percepção, (iii) percepção relacionada, (iv) intuição do espaço (*Anschauung*), (v) intuição do tempo, (vi) emoções, (vii) vontade (1988, p. 59).

20. Nesse ponto, a psicologia descritiva de Brentano é comparada, de modo muito interessante, com a de Wilhelm Dilthey, pensamento sobre o qual Lotze exerceu influência formativa, tal como foi o caso de Brentano. (Cf. ORTH, 1995, p. 96).

21. Cf. Lotze (1850, p. 453).

constituindo apenas uma série discreta de fenômenos. A unidade, tal como a alma se manifesta, não é outra senão uma questão de forma sobreposta. É por isso que, na psicologia filosófica, não faz sentido delimitar a denotação de “alma” a uma configuração única de fenômenos psíquicos. Assim, aborda-se apropriadamente apenas a variedade dos fenômenos psíquicos seguindo uma rota estritamente *descritiva*, a qual é precisamente a metodologia que Lotze tinha em mente quando empregou o termo “psicologia *descritiva*”.²²

3.5. PERCEPÇÃO, CONHECIMENTO E EMOÇÕES

Brentano considerou profundamente persuasiva a observação de Lotze de que uma sensação de prazer ou desprazer se conecta a cada ideia (*Vorstellung*).²³ Foi justamente essa percepção criteriosa que levou Lotze a encontrar um princípio central da epistemologia no conceito de “valor”.²⁴

Uma corrente histórica seminal de interesse, embora pouco comentada, desencadeada pela epistemologia lotzeana do valor, a qual ele desenvolveu primeiramente em seu *Mikrokosmos*, é vista no pensamento psicanalítico do início do século XX. Um dos pais da psicanálise, Sandor Ferenczi, um dos primeiros membros do círculo íntimo de Freud, declarou que “essa ideia de Lotze concorda com as ideias da psicanálise que foram alcançadas por meios empíricos a tal ponto que podemos considerá-lo... como antecessor de Freud”.²⁵

Outra das descobertas epistemológicas de Lotze que Brentano tomou como ponto de partida para sua própria investigação é que os juízos (ou seja, o conhecimento) acompanham os atos mentais.²⁶ Lotze, por sua vez, sustentou que a percepção - incluindo aquela que caracteriza cognição em imaginar, sonhar e sonhar acordado - apresenta não apenas um “caleidoscópio” de imagens (*Bilder*)²⁷; também manifesta “pensamentos secundários” (*Nebengedanken*) que conectam essas imagens percebidas como intrinsecamente pertencentes umas às outras.²⁸ Lotze entendeu que essa relação *nebengedankenlich* ou síntese de *Bilder* perceptual é o processo por meio do qual adquirimos conhecimento.

22. Cf. Orth (1997, p. 22).

23. De fato, foi precisamente nessa conexão que Brentano apresentou duas vezes (cf., § 2) as extensas passagens, acima citadas do *Mikrokosmos*, de Lotze, em três páginas consecutivas de sua *Psicologia* de um ponto de vista empírico.

24. Cf. Brentano (1924b, p. 93).

25. Cf. S. Ferenczi: “Aus der Psychologie von Lotze,” *Imago. Zeitschrift für Anwendungen der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften* 2 (1913, p. 238 - 241; aqui p. 238).

26. Cf. 1874, 195.

27. Cf. LOTZE, 1843, 72.

28. Cf. MILKOV, 2002.

4. CONCORDÂNCIAS

Além dos múltiplos pontos de convergência que traçamos em Lotze e Brentano - uma constelação compartilhada de determinações de pensamento que testemunha a profunda dívida de Brentano com seu colega sênior -, há pelo menos dois aspectos *metodológicos* adicionais de suas doutrinas que refletem um encontro mais profundo de seus pensamentos em seu trabalho mais influente.

4.1. FILOSOFIA COMO CIÊNCIA ESTRITA

Lotze e Brentano compartilhavam o propósito de estabelecer a filosofia como uma ciência estrita. Brentano perseguiu esse objetivo em termos de uma psicologia filosófica científica empírica: “empirismo introspectivo”, como foi referido na literatura. O foco exclusivo da doutrina de Brentano é a experiência interna, em cujo fundamento é indubitavelmente a única psicologia científica que também pode servir como ciência de base para a estética, lógica, pedagogia, ética e política. Todas estas disciplinas se provam mutuamente consistentes, certamente mediante orientação complementar, se abordadas do ponto de vista do empirismo introspectivo de Brentano. Em contraposição, ele descobriu que não se consegue tal consistência quando as consideramos a partir da postura da metafísica, a qual os positivistas lógicos mais tarde rejeitariam como “pseudociência”.

Tal como os avanços revolucionários da lógica de Frege, a nova “psicologia empírica” de Brentano possibilitou fixar as leis básicas de *sua* ciência com “a mesma nitidez e precisão que os axiomas da matemática” (1874, p. 67). Brentano concebeu sua doutrina como “*a ciência do futuro* [...] que permitiria uma importante influência na vida prática” (p. 36). Ele estava convencido, além disso, como Frege, de que existe apenas uma Verdade e apenas um único “reino da verdade” (p. 5). Que historicamente a filosofia tenha se desenvolvido tão tardiamente como uma disciplina independente é algo que ele atribuiu simplesmente ao fato de que os elementos da filosofia são notavelmente mais complexos do que os momentos definidos pelas outras ciências - incluindo os elementos, ou “objetos”, de tais ciências exatas como física e matemática.

Dadas as evidências, deveria estar claro agora que as inovações mutuamente comensuráveis de Brentano e Frege são histórica e filosoficamente consequências

cruciais da filosofia de Hermann Lotze.²⁹ Talvez o próprio Brentano explicasse melhor o que está subjacente à influência formativa de Lotze, a saber,

o método do seu modo de fazer filosofia, o peso que ele coloca na experiência e observação, a maneira como ele usa os resultados da ciência natural, a cautela e a consciência com que ele faz suas afirmações. (KAISER-EL-SAFI, 2014, p. 2, 3 de novembro de 1867)

4.2. LOTZE E BRENTANO: SIMILARIDADE DE ABORDAGEM FILOSÓFICA

A maioria dos estudiosos atuais de Brentano, na verdade da história da filosofia do século XX em geral, ou desconhecem ou não conseguiram creditar a importância cumulativa das evidências desenvolvidas nas páginas acima. A importância dessas reflexões historicamente fundamentadas é patentemente clara quando se consideram, em termos mais gerais, as notáveis similaridades nas abordagens das filosofias de Lotze e Brentano. Nos cem anos após a morte de Brentano, seu pensamento teve um impacto crescente nas principais correntes da filosofia ocidental. Depois de décadas de negligência injustificada no século XIX e no início do século XX, finalmente suas obras receberam o devido reconhecimento e inspiraram gerações de fenomenólogos e novos ontologistas. Estranhamente, durante vários anos da vida de Brentano (ele morreu em 1917) o debate filosófico centrou-se no trabalho de seus alunos - Edmund Husserl, Carl Stumpf, Alexius Meinong, Kazimierz Twardowski e Anton Marty - enquanto virtualmente ignorava o próprio Brentano, pai fundador do novo movimento filosófico. “O quebra-cabeça de Brentano” e “A invisibilidade de Brentano” são como os últimos historiadores da filosofia se refeririam à inexplicável marginalização ou ausência do nome de Brentano nos principais estudos da época.³⁰

De algum modo, tal negligência se provaria ainda mais notória no caso de Lotze, o qual John Passmore apropriadamente descreveu como o “filósofo mais saqueado” no pensamento do século XX.³¹ Um fator que deve ser atribuído à própria responsabilidade de Lotze é, ao menos parcialmente, responsável em grande parte por sua longa rejeição às margens da literatura até nossos dias. O problema é a própria atitude de Lotze em relação a como ele desejava que suas contribuições filosóficas fossem exploradas por aqueles que encontraram inspiração em suas obras. O quanto as ideias originais e as linhas de pensamento de Lotze foram

29. No § 3.3 discutimos brevemente a influência paralela e independente de Lotze acerca da concepção de intencionalidade de Brentano e Frege.

30. Cf. POLI, 1998, 1.

31. Cf. PASSMORE, 1966, 51.

“saqueadas”, pode-se considerar consistente com seus desejos expressos no Prefácio à sua “maior” *Lógica* (1874): “É preciso considerar [meu trabalho] como um mercado aberto, no qual silenciosamente se deixa os bens de menor interesse de lado” (1989, p. 4*). Essa atitude não reflete nada mais do que a ruptura revolucionária de Lotze com a sistematicidade enciclopédica³², a qual culminou com os clássicos idealistas alemães e manteve influência, até sua época, como ideia reguladora do pensamento filosófico sério.

Lotze avançou metafisicamente em uma direção radicalmente nova, analisando problemas filosóficos em uma base “fragmentada”. Conseqüentemente, ele abordou as aporias, às quais dedicou sua energia teórica, cada uma em seus próprios fundamentos, e não as abordou com base em sua relação formal com a solução de outras questões filosóficas, como tinha sido a prática dos principais filósofos alemães. Como Passmore corretamente discerniu, “era precisamente da falta de sistema que dependia sua influência”³³.

O mesmo vale para Franz Brentano. Tal como Lotze, Brentano

não escreveu nenhum sistema filosófico. Ele discutiu alguns problemas fundamentais [da filosofia], assim como os cientistas contribuem para o lento desenvolvimento da ciência, fazendo investigações relativamente finitas de leis específicas.³⁴

5. DIFERENÇAS ENTRE LOTZE E BRENTANO

Apesar dos pontos bastante importantes de convergência com Lotze que analisamos, Brentano foi sem dúvida um pensador independente. E isso apesar dos paralelismos metodológicos que mais evidenciam a influência modeladora exercida pelo trabalho filosófico de Lotze sobre o jovem Brentano. A independência do pensamento de Brentano é inconfundível na crítica explícita que ele direcionou a Lotze. O que deve contar como um dos exemplos mais contundentes está na carta previamente citada (no ponto 3, acima), de 3 de março de 1867:

Estou longe de aprovar as opiniões [de Lotze] do início ao fim. [Ele é] muito influenciado pelo criticismo de Kant. ... Que ele não conhece a [filosofia da] Idade Média e, portanto, não a aprecia, não pode ser uma surpresa para você. Parece-me também que ele tem um conhecimento muito limitado da filosofia antiga. (KAISER-EL-SAFTI, 2014, p. 2)

32. Cf. MILKOV, 2015b.

33. Cf. PASSMORE, 1966, 51. Esse método seria adotado por Bertrand Russell, que se referia a ele como filosofia “fragmentada” (cf. RUSSELL, 1918, p. 85). Russell insistiu, no entanto, que somente por meio de tal metodologia a filosofia poderia se desenvolver como uma ciência estrita. Para um relato da influência de Lotze sobre Russell, cf. MILKOV (2008).

34. PUGLISI (1913, p. 16 - 17), citado em POLI (1998, p. 3).

Duas das objeções mais específicas levantadas por Brentano contra Lotze visam a última teoria da percepção dos signos locais e seu “atomismo”. Brentano rejeitou-as como doutrinas construtivistas e, portanto, como, segundo ele, retrogradamente kantianas. De qualquer forma, o atomismo de Lotze e sua doutrina dos signos locais não são de forma alguma descritivas, e, nesse sentido, são epistemologicamente antitéticos à psicologia “nativista” de Brentano. Além disso, a forma radical de “nativismo” de Brentano, segundo a qual os fenômenos mentais são inatos, deixou-o cauteloso quanto a defesa de Lotze acerca das investigações experimentais em psicologia. É evidente que foi precisamente por estes motivos que Brentano acabou por se encontrar em contradição com o seu aluno Carl Stumpf, o qual se comprometeu a combinar a psicologia nativista com a psicologia experimental. Não é preciso dizer que o empreendimento de Stumpf deixou Brentano indiferente. Seja como for, Stumpf tornou-se um defensor da psicologia experimental sob a influência do mentor, Lotze, a quem ele veio reverenciar como seu “conselheiro paterno”³⁵

De modo geral, Brentano repudiou o que detectou como elementos persistentes do idealismo alemão em Lotze. Tal resquício que lhe pareceu particularmente inaceitável é o princípio do “teleomecanismo” de Lotze. Brentano considerou exasperante que “apesar de todas as ciências” Lotze tenha falhado em “superar até mesmo a doença de Hegel”.³⁶ Ele criticou, além disso, que enquanto os escritos de Lotze começavam ao longo de linhas promissoras e convincentes, geralmente se esquivavam “em uma fraude muito nebulosa”; ele achou uma pena que em Lotze, repetidamente, “algo [que] comece tão sóbrio, termine tão ébrio e hipnagógicamente ofuscado” (ibid.).

Não surpreende que Brentano rejeitou também a classificação tripartite de Lotze dos fenômenos mentais em imaginação, excitação emocional e aspiração (vontade), que ele adotou de Kant.³⁷ Brentano considerou tal taxonomia irremediavelmente abstrata, objetando que ela não apenas falha ao reconhecer as diferenças entre fenômenos diversos, mas, além disso, e mais fundamentalmente, falha ao discriminar os diferentes modos por meio dos quais a mente se refere a seus objetos. Brentano, por sua vez, dividiu os fenômenos mentais em ideias, juízos e emoções (os fenômenos de ódio e amor).³⁸

As divergências precedentes nas doutrinas filosóficas de Lotze e Brentano foram acompanhadas por diferenças de cunho mais pessoal. Brentano era um pensador dogmático, um indivíduo de mentalidade defensiva, pouco receptiva às

35. Um fato introduzido na literatura contemporânea sobre o tema pelo escritor atual: MILKOV (2015a).

36. Carta para Stumpf, 15 de fevereiro de 1868 (1989, p. 7).

37. (1924b, p. 22). Brentano erroneamente assumiu que Lotze herdou essa classificação de William Hamilton.

38. Ibid., p. 33.

críticas, mesmo que fossem oferecidas da maneira mais temperada por seus alunos mais próximos. Lotze, em contraste, era extremamente retraído para um importante filósofo alemão de sua época. De fato, ele tinha a mente aberta a erros e genuinamente aberta às opiniões de outros, incluindo aquelas de seus alunos que criticavam com ousadia suas posições de pontos de vista radicalmente diferentes dos seus.³⁹

6. BIBLIOGRAFIA

Baumann, Julius. 1909. "Persönliche Erinnerungen an Hermann Lotze II," in *Annalen der Naturphilosophie* 8, pp. 175–182.

Beiser, Frederick. 2016. "Lotze's *Mikrokosmos*", in Eric Schliesser (ed.), *The Neglected Classics of Philosophy*, Oxford: Oxford University Press, pp. 84–119.

Brentano, Franz. 1862. *Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristoteles*, Freiburg: Herder.

_____. 1874. *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, 1st vol., 2^d ed., Oskar Kraus (ed.), Leipzig: Felix Meiner, 1924a.

_____. 1921. *Die Lehre Jesu und ihre bleibende Bedeutung*, Alfred Kastil (ed.), Leipzig: Felix Meiner.

_____. 1924b. *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, 2^d vol., 2^d ed., Oskar Kraus (ed.), Leipzig: Felix Meiner.

_____. 1925. *Versuch über die Erkenntnis*, Alfred Kastil (ed.), Leipzig: Felix Meiner.

_____. 1933. *Kategorienlehre*, Alfred Kastil (ed.), Leipzig: Felix Meiner.

_____. 1988. *Grundzüge der Ästhetik*, F. Mayer-Hillebrand (ed.), Hamburg: Felix Meiner Verlag.

_____. 1989. *Briefe an Carl Stumpf*, G. Oberkofler (ed.), Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt.

39. O autor apresentou uma versão anterior deste ensaio em alemão, em 20 de maio de 2017, em Bautzen, Alemanha, no workshop "Denken im Zwiespalt - Zum 200. Geburtstag des Philosophen Rudolph Hermann Lotze". Os agradecimentos se devem aos participantes da oficina que ofereceram uma série de observações críticas que levaram às melhorias materiais incorporadas na presente versão do ensaio.

Chrudzimski, Arkadiusz. 2004. *Die Ontologie Franz Brentanos*, Berlin: Springer Verlag. Kaiser-el-Safti, Margaret (ed.).2014. *Franz Brentano–Carl Stumpf: Briefwechsel 1867–1917*, Frankfurt: Peter Lang.

Kastil, Alfred. 1912. "Jakob Friedrich Fries' Lehre von der unmittelbaren Erkenntnis," in *Abhandlungen der Fries'schen Schule*, Neue Folge 4:1, pp. 5–336.

Kraus, Oskar. 1974. "Einleitung des Herausgebers," in F. Brentano 1974, 2nd vol. pp. xi–xxiii. Linke, Paul. 1961. *Niedergangs-Erscheinungen in der Philosophie der Gegenwart*, München: Ernst Reinhardt Verlag.

Lotze, Hermann. 1843. *Logik*, Leipzig: Weidmann.

_____. 1850. "Recension von Ottomar Domrich, *Die psychischen Zustände*," in *Kleine Schriften*, 2nd vol., pp. 444–470.

_____. 1856. *Mikrokosmos*, 7th ed., 1st vol., Nikolay Milkov (ed.), Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2017a.

_____. 1864. *Mikrokosmos*, 7th ed., 3rd vol., Nikolay Milkov (ed.), Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2017b.

_____. 1989. *Logik, Erstes Buch. Vom Denken* (1874), Gottfried Gabriel (ed.), Hamburg: Felix Meiner Verlag.

_____. 2003. *Briefe und Dokumente*, R. Pester (ed.), Würzburg: Königshausen & Neumann. Milkov, Nikolay. 2001. "The History of Russell's Concepts 'Sense-data' and 'Knowledge by Acquaintance'," *Archiv für Begriffsgeschichte* 43, pp. 221–31.

_____. 2002. "Lotze's Concept of 'States of Affairs' and its Critics," *Prima philosophia* 15, pp. 437–50.

_____. 2008. "Russell's Debt to Lotze," *Studies in History and Philosophy of Science, Part A*, 39:2 (June), pp. 186–93.

_____. 2015a. "Carl Stumpf's Debt to Hermann Lotze," in Denis Fissette and Riccardo Martinelli (eds.), *Philosophy from an Empirical Standpoint. Essays on Carl Stumpf*, Leiden: Brill, pp. 101–22.

_____. 2015b. "Kant's Encyclopedic Turn," paper, read before the British Society for the History of Philosophy Workshop, University of York (England), April 11.

Misch, Georg. 1912. "Einleitung," in Hermann Lotze, *Logik*, Leipzig: Felix Meiner Verlag. Orth, Ernst Wolfgang. 1995/96. "Brentanos und Diltheys Konzeption einer

beschreibenden Psychologie in ihrer Beziehung zu Lotze," in *Brentano Studien* 6, pp. 13–29.

Orth, Ernst Wolfgang. 1997. "Metaphysische Implikationen der Intentionalität, Trendelenburg, Lotze, Brentano," *Brentano Studien* 7: 13–30.

O'Shaugnessy, Brian. 2000. *Consciousness and the World*, Oxford: Clarendon Press.
Poli, Roberto (ed.). 1998. *The Brentano Puzzle*, Aldershot: Ashgate.

Puglisi, Mario. 1913. "Prefazione," in Franz Brentano, *La classificazione delle attività psichiche*, Lanciano: Rocco Carabba.

Rollinger, Robin. 2001. "Lotze on the Sensory Representation of Space," in *The Dawn of Cognitive Science: Early European Contributors*, Albertazzi Liliana (ed.), Dordrecht: Kluwer, pp. 103–122.

Russell, Bertrand. 1918. *Mysticism and Logic*, 3rd ed., London: Allen & Unwin, 1963.
Stumpf, Carl. 1917. "Zum Gedächtnis Lotzes," in *Kant-Studien* 22, pp. 1–26.

_____. 1919. "Erinnerungen an Franz Brentano," in *Franz Brentano. Zur Kenntnis seines Lebens und seiner Lehre*, Oskar Kraus (ed.), München: Beck, pp. 87–149.

Wittgenstein, Ludwig. 1953. *Philosophische Untersuchungen*, Oxford: Blackwell.
Woodward, William. 2015. *Hermann Lotze. An Intellectual Biography*, Cambridge: Cambridge University Press.